



ALEXANDRIA

ALEXANDRIA

Revista de Educação em Ciência e Tecnologia

Apresentação

João Ricardo Viola dos Santos

Thiago Pedro Pinto

O Auto da Barca do Inferno (ou: um editorial pode ser ficcional?)

Entre brumas se abre à vista um homem que caminha, estonteado pelo cenário alvo, pela neblina e pela situação inusitada. Caminha na beira de um rio e de longe avista duas barcas. Logo, apressa o passo e chega até primeira:

__ Para onde vai esta barca?

__ Esta barca vai para o inferno! Para o não lugar das publicações de Educação Matemática, vai para as revistas mal qualificadas, ou pior, SEM QUALIS! [solta uma gargalhada parecendo se divertir com a situação] Esta barca vai para o isolamento acadêmico, para o não financiamento de trabalhos e projetos e quem sabe até, para o descredenciamento de pesquisadores de programas de pesquisa. Entre logo que a barca já irá partir.

__ Não, nesta barca eu não vou, quero ir para a barca da publicação Qualis A, para o prestígio acadêmico e circulação de ideias, fiz tudo que os sacerdotes pregavam: revisão bibliográfica, delimitação do tema, aprofundamento teórico, análises e uma conclusão que aponta para novos horizontes!



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

— Sim, caro tripulante. Porém, uma coisa você não fez! E isso custará a sua alma! Você não respeitou o estilo e a linguagem acadêmica! Sempre há regras, não pode ser de qualquer jeito. Elas precisam ser respeitadas, que ousadia escrever poesia. Entre logo e deixe de cerimônia.

— Não, não entrarei nesta barca! Há de ter outra barca por aqui! Veja, ali, mais à frente! [se dirigindo para a outra barca se adianta:] Olá, para onde vai esta barca?

— Esta barca vai para o Lattes, caro pesquisador, mas não sei se poderá entrar. Eu acompanhei a discussão ao lado e acrescento: Não sei se seu texto é um artigo. Talvez, ele seria uma boa introdução para um trabalho, mas não um artigo. Seu texto faz muitas referências aos seus próprios trabalhos. E seus dados? Onde estão seus dados de pesquisa?

— Não, não pode ser, não mereço este fim! Passei anos debruçado sobre este tema, visitei arquivos, fui a eventos, discuti no grupo de pesquisa, ajudei a orientar iniciações científicas, nada disso valeu?

— Caro tripulante, você está dizendo todas essas coisas, mas elas não estão no seu texto e é isso que estamos avaliando! Quais são suas categorias de análise? Vá, me diga, e quem sabe você poderá prosseguir comigo nesta viagem!

— Senhor Anjo da Publicação e do *status* científico, eu experienciei a forma de pesquisa tradicional no mestrado: produzi categorias disjuntas, análises verticais e horizontais, apresentei resultados em tópicos trabalhados individualmente. Porém, senti que muito do que *me passou* durante o mestrado ficou de fora disso tudo, pois estabeleci um discurso genérico e generalista e isso não me bastou! Procurei então, agora já no doutorado, *experienciar* a forma e o estilo da literatura, das artes, tentar me agarrar na potência inventiva destas, produzir um trabalho que ‘me’ trouxesse dentro dele e que provocasse afetações nas pessoas. Vamos, deixe-me entrar nesta barca!

— Caro passageiro, entendo que o trabalho estava bem fundamentado teoricamente e consegue ser, o próprio artigo, aquilo que deseja comunicar: um trabalho científico que foge ao modelo tradicional de escrita da pesquisa acadêmica. Esse é, para mim, um ponto alto do artigo, pois consegue propor e realizar uma forma de escrita que insere as artes nas pesquisas em Educação Matemática, que subverte o modelo tradicional. Muitas coisas eu seu texto ficam por dizer, mas não me parece ser intenção dos autores estabelecer conceitos, descrevê-los e operar a partir deles. Os argumentos do Diabo são ‘reais’.

— Não nos atrase mais [grita o Diabo], venha logo para a minha barca! Aliás, para mim, seu texto nem se encaixa nesta Edição Temática e, por mim, teria ido para fluxo contínuo!

— Não, o fluxo contínuo não, preciso pontuar ainda neste quadriênio!

E o Anjo intervém:

__ Discordo de você, Diabo, neste ponto eu não tenho dúvidas, nosso passageiro flertou com a arte, literatura e até mesmo com a ficção. Se este não era seu lugar na produção em Educação Matemática, onde seria?

__ EM LUGAR NENHUM [retruca o Diabo], ISTO NÃO É PESQUISA!! [Grita de forma que ecoa em todo o vale e ouve-se o farfalhar das asas das aves contra as folhas das arvores nas quais estavam antes de lançar voo com o susto causado pelo grito que ecoa].

O anjo tenta acalmar os ânimos:

__ Acho melhor você aguardar ao lado enquanto resolvemos isso daqui, acho que a questão é entre nós, para o Diabo só há uma visão epistemológica e acho que isso tem dificultado sua percepção a coisas novas, *ele só reconhece o que é ele mesmo*. Não é à toa que se encantou com a própria luz.

Enquanto falava, um novo passageiro apressado surgia das brumas. Andava inclinado para frente, meio esbaforido, talvez pelo peso dos livros que trazia debaixo dos braços:

__ Saia da frente, Diabo, dessa vez entro na barca da Glória!!

__ Você outra vez! [retruca o Diabo]

__ Fui lá e busquei meus referenciais teóricos, estão aqui, vejam: Investigações Filosóficas, Vigiar e Punir, Diferença e Repetição, Mil Platôs, A ordem do Discurso e outros aqui que vieram juntos, alguns artigos publicados em revistas internacionais e outras nacionais de Qualis A, duvido que o Anjo não me deixe entrar.

__ Espere aí, senhor passageiro [exclamou o Anjo]. O que você faz com tudo isso aqui? Nestas barcas não entram livros, somente ideias. Quais você traz consigo?

__ Destes aqui, que estão nos livros, estão em voga e tem peso, chega a ser chique: jogos de linguagem, relações de poder, pegar delírio, maquinas de guerra. *São conceitos importantes, um dia ainda vou delineá-los com precisão, sem palavras polissêmicas, toda dúvida será dirimida.*

O Diabo solta uma gargalhada e o anjo ri com o canto da boca...

A ficção pode ser um processo de teorização na pesquisa em Educação Matemática. Ela, sempre movimento, pode ser operada em tentativas de explorar outros espaços, sentidos e efeitos nos contextos da produção científica. Pode ser uma maquina de guerra a causar fissuras nos rígidos muros que cercam nossa área, neste caso, atuando não de fora, mas de dentro dos muros. A ficção não é uma alegoria, nem mesmo um *mero* recurso estilístico. Trata-se de um movimento, um processo no qual podemos explorar questões invisíveis aos

modos mais tradicionais de produzir pesquisas. Questões por vezes importantes para o pesquisador, mas que são escamoteadas por um modo *higienista* de produzir textos acadêmicos. Por outro lado, a ficção pode causar no leitor um estranhamento, um movimento de tentar enquadrar o texto e seus possíveis significados em categorias previamente conhecidas por este e não conseguir. Aqui se abre uma porta para o conhecimento como o temos entendido.

Podemos citar alguns trabalhos nos quais a ficção foi operada como um movimento de teorização, temos a tese de Carlos Vianna (2001) que explora as resistências de fundo preconceituoso que professores atuando dentro de departamentos de matemática que optam por exercer atividades predominantemente no campo da Educação Matemática sofrem. Colocando o leitor frente ao inédito, o inesperado, leva ao limite as ações preconceituosas destes profissionais, tendo o leitor que repensar suas ações e o ocorrido no trabalho. Em um movimento de análise também ficcional temos também a tese de Heloisa da Silva (2006), que analisou os processos de constituição de identidades do Centro de Educação Matemática (CEM) a partir da produção de interlocutores, cada qual com suas produções de significado.

Nossa argumentação é de que a ficção enquanto um movimento de teorização em Educação Matemática é uma possibilidade para os pesquisadores. *Potente*, pois oferece outros processos de escritas, em construir narrativas que atravessem discursos cristalizados, naturalizados e que, muitas vezes, se configuram como o verdadeiro fim em si mesmos. *Circunstancial*, pois não é uma escolha arbitrária que se apresenta ao pesquisador: operar e se inventar na ficção como um movimento de teorização, muitas vezes se constrói de modo visceral e orgânico, em discussões, demandas, pressupostos de linhas e grupos de pesquisas. Por vezes, é a ficção é uma necessidade, não uma escolha. E *inventivo*, na medida em que cria possibilidades de torções na relação conteúdo e forma. Ao inventar uma narrativa ficcional, os autores criam tensões em relação às formas dos textos acadêmicos, às normas que regem os textos, dissertações e teses e certas instâncias que, geralmente, se encontram naturalizadas e cristalizadas na pesquisa científica.

Nesse número temático, Ficção e Educação Matemática, são apresentados trabalhos que se alinham a essas considerações e atitam, faíscam e atravessam discussões filosóficas, políticas e culturais na Educação Matemática. São trabalhos potentes, circunstanciais e inventivos.

Paola Ruidiaz e Roger Miarka apresentam um artigo intitulado *Escrita-Corpo-Experiência e Literatura: que pode o escrever (na pesquisa) [em educação matemática]?*, no qual se abrem a experimentar uma ação que envolve relações entre corpo e potência. Os autores assumem uma *escrita-corpo*, escolhendo-se uma política de *escrita-híbrida*, que desfolhou conceitos que se engendraram no “fazer(-se) pesquisa” e que a problematização

proposta por eles pode auxiliar no caminho de muitos outros que consigam ser afetados por meio do texto, para vislumbrar outro modo de fazer pesquisa, em que sejam as próprias palavras que possam dar força aos seus próprios instantes, e que o sujeito pesquisador se constitua ao escrever(-se).

Nas Dobras de Práticas de Licenciatura em Matemática: Um Exercício Narrativo Antropofágico de Rigor é o título do artigo de Danilo Gomes, no qual propõe ao leitor um encontro com uma situação ficcional composta em forma de *intermezzo*, ou seja, de intervalo improvisado entre dois atos de uma peça musical. O autor assinala um encontro com dedos, dores e calos (da formação de professores de matemática?) tentando capturar notas na velocidade infinita de uma obra sempre inacabada, bem como um mergulho em linhas emaranhadas, notas vibráteis, agenciadoras de desejos, sempre à espreita de linhas de *fuga*.

Margareth Rotondo e Leandro Dutra são autores do artigo *No desarranjo do arranjo: processos formativos em experimentação com geometrias*. Os autores apostaram em uma política cognitiva inventiva e no pensamento não dogmático como modo de atentar-se à variância presente no imanente do viver. Como efeitos, adolescentes e professores e professoras em formação arriscaram no perder-se de seus territórios, no tombamento de seus rostos e suas tantas significações na processualidade da formação, inventam-se com geometrias inventadas. Segundo os autores, o mapeamento da processualidade vívida destes processos formativos compuseram-se junto a uma política de narratividade que banhou-se em afetos do jogo Branco-Augusto da palhaçaria e das filosofias da diferença.

Encontros com a Matemática na Terra de Oz é o título do artigo de Letícia Maffei e João da Silva, no qual se apropriam de um viés fenomenológico, buscando nos traços afetivos das personagens do conto ‘O Mágico de Oz’ relações possíveis com a Matemática. Segundo os autores, percepções, medos, conceitos, crenças emergem da leitura de cada uma das personagens – Oz e suas diferentes facetas; Dorothy e a finalidade; Espantalho e o ser burro; Lenhador de Lata e os sentimentos; Leão e o medo – e se unem a uma trama de discussões teóricas que permitem pensar sobre questões vinculadas ao ensino e aprendizagem de Matemática.

Cláudia Flores, Mônica Kerscher e Bruno Francisco são autores do artigo intitulado *Escritas em Passagens, Investigadores Infantes e Matemáticas Brincantes*. O artigo se inventa em uma escrita em passagem que se debruça sobre investigadores infantes que brincam com um modo de investigar e um modo de escrever: uma escrita de pesquisa e uma pesquisa de escrita. Segundo os autores, pensamentos que, em seu devir, podem não ser nada, embora seja apenas deste modo que estamos determinados a escrever uma pesquisa dita acadêmica.

O que mais se pode dizer sobre teoria e prática? Ou: como ainda se pode dizer? Ou: pode-se ainda dizer? São essas perguntas que dão título ao texto de Marcos Júnior. O ensaio, em forma de narrativa, conta a história de um professor de matemática ao lidar com a faina do fazer pesquisa em educação matemática, deparando-se com suas próprias tensões identitárias, dialogando consigo mesmo e também com uma Professora, sujeito de sua ulterior pesquisa de mestrado. Segundo o autor, tratando a crítica também como uma questão referente à sua própria constituição como professor e pesquisador, a narrativa mescla ficção e realidade para mostrar um modo de lidar, de estar e de ser, quando pensamos nessa falsa dicotomia entre teoria e prática, em educação matemática.

Filipe Fernandes é autor do artigo *Notas sobre ficção, histórias de vida e pesquisa em educação matemática: a propósito de o impostor, de Javier Cercas*. No texto autor articula as inquietações de Javier Cercas para a escrita da obra e seu interesse em relacionar a ficção, as histórias de vida e a pesquisa em Educação Matemática, buscando neste texto evidenciar o conflitivo espaço da ficção e das histórias de vida na pesquisa e como determinados movimentos epistemológicos no campo da Educação Matemática permitiram uma reconfiguração desse espaço. O autor nos propõe pensar os efeitos de uma estética ficcional na pesquisa em Educação Matemática, convidando-nos a um modo de fazer pesquisa em que a força, a fantasia, a imaginação, a memória e o amor pelas palavras participam intensamente da produção do conhecimento.

Isto é (ou não é) um cachimbo? é o título do artigo de Thiago Pinto. O autor faz uma discussão sobre a usual separação entre representante e representado, entre ficção e realidade, bem como a relação destas com “a verdade”. Apoiado nas discussões de Ludwig Wittgenstein, em seu livro *Investigações Filosóficas*, as noções de jogos de linguagem e semelhanças de família são centrais na discussão do autor que tenta abandonar o essencialismo e uma visão Platônica do conhecimento. A separação entre ficção e realidade é deixada para trás, no que se refere à epistemologia, esta separação não mais faz sentido, sendo então colocada de lado para se pensar em potencialidades e efeitos da produção acadêmica.

Aspectos: o problema na matemática escolar e o dilema como acontecimento é o título do artigo de Carolina Tamayo e Jackeline Mendes. O texto, organizado através de uma *cena ficcional*, desenvolve-se a partir de seis Atos. Na cena ficcional as autoras percorrem diversos usos das palavras: *problema* e *dilema*. Com essas encenações, elas propõem desconstruir a noção de problema na Educação Matemática e reverberar usos e sentidos outros. Segundo as autoras, esse movimento no texto propõe pensar os modos em que os *dilemas* são mobilizados nas práticas sociais e os seus possíveis efeitos no campo das práticas escolares, deslocando da pergunta *o que é um problema?* para as perguntas: *Como, nas práticas sociais, se manifesta,*

na possibilidade do impossível, o aparecimento do acontecimento? Como dilemas acontecem? Quando resolvemos um dilema?

João Viola é autor do ensaio *O Matemático e a barata*. No texto, três amigos se encontram, não exatamente no mesmo espaço e tempo. Eles falam de suas vidas, profissões, demandas e tarefas diárias. Um 13º cenário é a formação matemática de professores de matemática. Outro 26º é um modo de problematizar políticas e estéticas de pesquisa na área de Educação Matemática – provocando algumas faíscas, inventando (sendo inventado) outras possibilidades. Em dois atos o autor se inventa na direção de que, talvez, a ficção possa oferecer outras possibilidades para problematizar (e nos problematizarmos) nossas práticas culturais e nossos movimentos de teorizações. Um modo de ver, produzir, inventar, ser afetado e sentir o que do outro pode ter algum efeito em mim – sempre em tentativas de colocar nossas identidades em risco. Ficção como processo, como movimento. Apenas outro.

A Geometria e o Assassinato no "Mathematics Express" é o título do artigo de Claudi Català e Marçílio Dias Henriques. Trata-se de uma tradução comentada, ampliada e adaptada, temporal e geograficamente, de um texto no estilo de narrativa metafórica baseado em uma obra de ficção de Agatha Christie. Segundo os autores essa tradução tem por objetivo levantar questões institucionais, formativas e profissionais relativas às diversas geometrias que são ensinadas desde a escola básica até as pós-graduações, de forma a trazer ao leitor lusófono algumas referências e contextualizações para análise do texto original, sem abrir mão da prerrogativa do posicionamento político tanto do autor quanto do tradutor, no que tange a tais questões, ligadas ao ensino da Geometria.

Forma, literatura e narrativa ficcional na busca por comunicar: possibilidades para as pesquisas em Educação Matemática é o título do artigo de Marcelo de Moraes. Segundo o autor, o artigo tem como objetivo sistematizar compreensões sobre as possibilidades e potencialidades da mobilização de narrativas ficcionais nas (e para as) pesquisas em Educação Matemática, mostrando como essas narrativas atravessaram seus movimentos de pesquisa, potencializando levantar problematizações e pensar teorizações, tanto quanto possibilitaram refletir e materializar uma forma de escrita que comunicasse na mesma medida do que se tentava comunicar textualmente. O autor apresenta discussões de como estética científica, as formas de apresentação dos trabalhos, e os modos como as artes, notadamente a literatura, podem estar presentes visceralmente em pesquisas na Educação Matemática, tomando como exemplo um exercício de escrita de uma narrativa (ficcional).

Ronilce Lopes e Diego Gondim são autores do artigo intitulado *FICÇÃO–FRICÇÃO: operando aberturas de ar e produzindo educação matemática de/na/com/para Educação do Campo*. Segundo os autores o artigo tem como escopo entranhar nos estranhamentos de uma dissertação intitulada: *Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com*

professores que lecionam Matemática. Em suas invenções os autores assinalam que o fios puxados no texto entranham no emaranhado de uma Dissertação que encontra na ficção uma maneira de friccionar alguns acontecimentos/estranhamentos vivenciados por uma pesquisa(dora) nos territórios existenciais de vidas.

E se esses treze parágrafos que resumem os artigos deste número temático fossem apenas uma ficção? Treze é um número simbólico, amedrontador para alguns e de sorte para outros. E se esse editorial não fosse nada além do que escritos desejantes, que por motivos outros, construímos e apresentamos para os leitores? Um editorial pode ser ficcional? Este é?

Nossa intenção com essas perguntas é *tensionar*, entre outras coisas, a representação da linguagem, os textos que se seguem são ‘exatamente’ aquilo que descrevemos aqui? Exatamente o que descrevemos é o que o leitor encontrará lá ou esta é a nossa leitura destes materiais? Pode-se traduzir em quatro ou cinco linhas um texto de vinte páginas? Só pela resposta negativa a esta última pergunta, nosso editorial já é, sob alguma perspectiva, uma ficção. Faria diferença se então, ao invés de nossas leituras apresentássemos aqui recortes soltos destes textos? Assim cumprir-se-ia melhor a função de um editorial e não estaríamos ‘faltando com a verdade’?

Poderia um laudo técnico dizer se Capitu traiu ou não Bentinho e dirimir de uma vez por todas este mistério? E o que seria da obra sem este mistério? Aliás, Capitu e Bentinho não são também ficcionais?

O que nos interessa são os efeitos, as faíscas, os atravessamentos e as problematizações outras que essas narrativas podem ter nos espaços e terrenos da pesquisa em Educação Matemática. Em suma, uma valorização do conhecimento e não do reconhecimento.

Nosso auto da barca do inferno [inspirado na obra *Cânone* de Gil Vicente] inventa tensões entre autores, avaliadores, editores desse número temático. Ele ilustra os movimentos, processos nos quais outro modo de produção de conhecimento foi inventado na academia. Ele é potente ao abrir múltiplas leituras, circunstancial ao escolhermos e sermos escolhidos por um texto de Gil Vicente e inventivo, ao *tensionar* forma e conteúdo e alguns cânones da pesquisa nos terrenos da academia. Entre devaneios, produções profanas e sagradas, constituímos algumas marcas em relação à Ficção em meio a Educação Matemática.

Gostaríamos de agradecer nominalmente Cláudia Flores e Fábio Peres, editores da revista Alexandria, que aceitaram receber esta chamada temática e se colocarem também nestes processos de tensão e de tenções. Agradecemos, assim, toda a ajuda, paciência, atenção, disposição e esforço para que pudéssemos ter essas narrativas ficcionais como movimentos de teorizações.

Referências

VIANNA, C. R. *Vidas e circunstâncias na Educação Matemática*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VICENTE, G. *O Auto da Barca do Inferno*. Domínio Público. Disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00111a.pdf>

SILVA, H. *Centro de Educação Matemática (CEM): fragmentos de identidade*. 448 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2006.